



ATIVISMO LGBT NO OESTE DA BAHIA: SITUAÇÃO ATUAL E POTÊNCIAS POLÍTICAS – RESULTADOS PRELIMINARES

Denise Diele Alves de Sousa; Alex Sales; Jéssica Matos Cardoso; Carlos Henrique Lucas Lima

Universidade Federal do Oeste da Bahia- <http://www.ufob.edu.br/>

RESUMO: Este artigo vem através do Estudos Queer investigar qual o cenário na região oeste da Bahia as pessoas dissidentes de gêneros, os espaços de sociabilidade e re(ex)istência cultural para que as pessoas não heterossexuais que não são reconhecidas pelos os regimes normatizadores possam acessar o respeito e quais configurações ativistas existem na região, quem são as pesosas que estão à frente dos movimentos e dos espaços de poder para que o público LGBT, tenha visibilidade e possam ser tratadas com igualdade.

Palavras chaves: Queer, Sexualidade, LGBT, Ativismo, re(ex)istência.

INTRODUÇÃO

Este ensaio propõe a partir dos resultados preliminares do projeto de pesquisa ¹*Ativismo LGBT no Oeste da Bahia: Situação atual e potências políticas*, dentro da perspectiva dos Estudos Queer investigar tipos de ativismos e suas respectivas atuações, quais são as políticas públicas voltadas para o respeito as diferenças de pessoas dissidentes de gênero e sexualidade na região Oeste da Bahia.

Um dos propósitos é empoderar os sujeitos LGBT e não heterossexuais através dessas investigações, questionar as normas que visam agir sobre os corpos atribuindo a eles uma identidade normatizadora que não o pertence, no texto ²*Por quais mortes nós*

¹ Nessa pesquisa entende-se por ativismo qualquer atuação de ativistas independentes ou não, que empoderem as identidades de gênero invisíveis na sociedade.

² Refiro-me aqui ao texto do LUCAS LIMA, C. H (orientador dessa pesquisa), que traz uma reflexão

choramos: uma reflexão sobre quais corpos importam o autor traz uma reflexão sobre quais corpos importam dentro de uma sociedade que busca encaixar o sujeito em um padrão dito como normal e aceitável sem sequer preocupar-se como o mesmo se identifica, por outro lado esses sujeitos passíveis desse regime buscam um lugar nesses espaços pois sentem a necessidade de serem aceitos pois foram atribuídxs a elxs um estereótipo .

Apesar das constantes lutas dos movimentos sociais que politicamente representam esses sujeitos e o próprio espaço acadêmico que atualmente vem promovendo debates relacionadxs as minorias sexuais, ainda há um longo caminho para que alcancem o respeito em uma sociedade que traz o gênero binário

sobre quais corpos importam. Disponível em: <http://www.ibahia.com/a/blogs/sexualidade/2013/07/28/por-quais-mortes-nos-choramos-uma-reflexao-sobre-os-corpos-que-importam/>



como único e adequado, essa escrita busca trazer reflexões em torno das problemáticas que envolvem os estudos de gênero e contribuir para a re(ex)istência das minorias sexuais no âmbito das pesquisas acadêmicas. Ao longo de anos as pesquisas acadêmicas contribuem para o avanço da ciência e mudam o cenário de suas hipóteses, os estudos de gênero são a prova que um corpus teórico forma pensadores e muda o cenário de determinados temas.

1.Contextualizando

Os estudos Queer começou a se desenvolver na década de 60 e se institucionalizou na década de 90 por pesquisadores e ativistas com uma visão pós-estruturalista, questionando o posicionamento dos próprios movimentos sociais da época que buscavam igualar os sujeitos não heterossexuais a um sistema heteronormativo. Os estudos Queer ganha notoriedade e apesar do enfrentamento a outros movimentos sociais ganha-se aliados pois, há um consenso de que as relações sexuais são uma construção social e histórica e por isso seria necessário refletir sobre essas heranças históricas que já tinham dominado os espaços de poder, esses espaços de poder que Michel Foucault atrela esses espaços de poder ao que ele denomina de “*Sociedades de discurso*”: *Cuja função é conservar ou produzir discursos fazê-los circular em um espaço fechado, distribuí-los segundo regras restritas sem que seus detentores sejam despossuídos por essa distribuição*” fazendo com que esse sujeito sintase emponderado mesmo que desarmado desse poder.(FOUCAULT,1970, p.39).

Apesar de acordarem sobre questões em torno da sexualidade não houve a unificação dos movimentos sociais pois pensava-se o gênero como algo que estava diretamente ligada ao sexo, tanto no biológico como no campo da cultura e Butler que é uma das percussoras do movimento Queer discute o gênero como algo performativo, ou seja, é a adoção de uma identidade, como o sujeito enxerga a si mesmo e o mundo, senão conseguimos

enxergar a performance no gênero e buscamos enquadrá-lo num perfil “normal” construímos um corpo com regras, e os teóricos Queer buscam quebrar esses paradigmas construtivistas, apresentando um novo panorama para as minorias sexuais.

³“*O gênero é performativo porque é resultante de um regime que regula as diferenças de gênero. Neste regime os gêneros se dividem e se hierarquizam de forma coercitiva*” (Butler, 2002, Apud Colling, p. 01) ”.

Como arcabouço teórico deste artigo os estudos Queer auxiliará em uma melhor compreensão para que possamos questionar as normas vigentes dos regimes de poder e convidar a reflexão sobre os saberes subalternos e os sujeitos que a compõe, como afirma Larissa Pelucio *Falar de saberes subalternos não é, portanto, apenas dar voz àquelas e àqueles que foram privados de voz. Mais do que isso, é participar do esforço para promover outra gramática, outra epistemologia, outras referências que não aquelas que aprendemos a ver como as “verdadeiras” e, até mesmo, as únicas dignas de serem aprendidas e respeitadas.* (PELUCIO, 2012, p. 399).

2.O Cenário LGBT no Brasil no âmbito das políticas públicas.

O duelo entre o marco jurídico e a população subalterna ainda tem um longo caminho pela frente, marcado por sofrimentos e preconceitos as pessoas que constituem grupos subalternos (entende-se aqui por subalternos os negros, pessoas não heterossexuais e quaisquer sujeitos que não sigam os regimes normatizadores).

³ Encontrou-se a citação no texto Teoria Queer, de Leandro Colling.

Disponível:

<http://www.cult.ufba.br/maisdefinicoes/TEORIAQUEER.pdf>



Nos últimos anos no Brasil o governo e suas instâncias buscaram promover políticas públicas específicas para os gays, lésbicas, travestis e transexuais umas dessas promoções foi em 2014 o governo lançou a criação do ⁴Sistema Nacional de Promoção de Direitos e Enfrentamento à Violência contra Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (Sistema Nacional LGBT), com o intuito de promover políticas para a criação de programas sociais para amparar essa população. ⁵Em 2006 foi aprovado na Câmara dos deputados a PCL 122 que criminaliza a homofobia estava em tramitação desde 2001, porém devido o ataque principalmente de fundamentalistas religiosos que usou em seus argumentos que a criminalização da homofobia iria barrar o direito à liberdade de expressão que está previsto em lei, devido a manobras de pessoas contrárias a evolução das identidades de gênero o projeto não foi aprovado na Comissão de direitos humanos e foi arquivado pelo o Senado Federal. É contraditório criar um programa de assistência para as pessoas LGBT's e ao mesmo tempo arquivar um processo que traz segurança constitucional a esses sujeitos passa a impressão que o poder público maquia a importância dessas pessoas enquanto sujeitos sociais querendo enquadrá-las cada uma em suas caixinhas para que não os incomode.

Apesar de reconhecermos que as políticas públicas no Brasil nos últimos 15 anos vêm sendo discutidas com maior veemência não podemos nos conformar com tão pouco o Brasil ainda tem uma escassez de aprovar os

⁴ Disponível:

http://agenciabrasil.jusbrasil.com.br/noticias/100583510/governo-lanca-sistema-nacional-lgbt-para-integrar-politicas-contrario-preconceito?ref=topic_feed

⁵ Disponível: <http://www.plc122.com.br/entenda-plc122/pl-122-lei-homofobia/#axzz46rc94lQk>

Divulgação do arquivamento da PCL 122 está disponível no site:

<http://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2015/01/07/projeto-que-criminaliza-homofobia-sera-arquivado>

projetos e propostas no âmbito das minorias sexuais, isso resulta de um processo colonizador que ainda marca os corpos e suas respectivas identidades, trazendo ainda o conceito retrogrado da família tentacular que é naturalizado por uma homem e uma mulher fazendo com que os sujeitos que não atende a essa demanda sintam-se culpados e rendam-se as normas, a lei que permite a união estável quando aprovada causou polêmicas pois os conservadores que ainda carregam um conceito enraizado em suas mentes perversas que casamentos com pessoas do mesmo sexo são aberrações e por isso não “merecem” ter aparato jurídico e gritavam aos sete cantos dessa terra que surgiu uma ditadura gayzista, levando a entender que amparar juridicamente as minorias sexuais seria um retrocesso, pois acreditam que a ‘família’ é responsável pela a moral de uma população e se essa família reconfigurar-se a moral e os “bons” costumes será ferido. A autora Maria Rita Khel traz essa reflexão no texto ***Em defesa da família tentacular***

[...]a cada novo censo demográfico realizado no Brasil, renova-se a evidência de que a família não é mais a mesma. Mas “a mesma” em relação a que? Onde se situa o marco zero em relação ao qual medimos o grau de “dissolução” da família contemporânea? A frase: “a família não é mais a mesma”, já indica a crença de que em algum momento a família brasileira teria correspondido a um padrão fora da história. Indica que avaliamos nossa vida familiar em comparação a um modelo de família idealizado, modelo que correspondeu às necessidades da sociedade burguesa emergente em meados do século XIX. De fato, estudos demográficos recentes indicam tendências de afastamento em relação a este padrão, que as classes médias brasileiras adotaram como ideal. (KHEL, p. 01,2003)

Nessa perspectiva aposta-se as cartas desse jogo na família que se não for constituída por um pai (homem) e uma mãe (mulher) e seus respectivos filhos são alvos de



discriminações, e usa-se esse conceito arcaico como argumento para eliminar os sujeitos que não contribuem para a perpetuação de uma hierarquia sexual, esse ponto de vista não só violenta esses sujeitos como também os torna não passíveis de visibilidade.

METODOLOGIA

Usou-se neste ensaio entrevistas semiestruturadas com possíveis ativistas e pessoas do coletivo LGBT para esboçar um modelo de ativismo e seus respectivos efeitos na região Oeste da Bahia, também pesquisa documental em sites da região em que buscou-se encontrar casos de violência contra pessoas dissidentes de gênero e a partir dos resultados identificar os espaços de re (ex)sistência cultural, além do aparato teórico na perspectiva dos estudos Queer que ajuda a compreender as relações de identidade na sociedade, para amparo na pesquisa.

Esta pesquisa encontra-se em estágio inicial, portanto algumas etapas metodológicas ainda não foram concluídas, apresenta-se aqui apenas os resultados iniciais.

RESULTADOS E DISCURSÕES

Os resultados dessa pesquisa ainda não são concretos, mais discutiremos o que se obteve durante as investigações na região oeste da Bahia.

Encontrou-se em sites da região a ⁶primeira união estável do oeste da Bahia um passo importante para o início de uma discussão sobre as políticas públicas na região que ainda é muito precária e marca também uma nova perspectiva para a população do oeste da

6

<http://www.falabarreiras.com/noticias/destaques/barreiras-realiza-o-primeiro-casamento-homoafetivo/#.VkYoV3arSUK>

Bahia pois acontecimentos como esse leva as pessoas a refletirem sobre a nova configuração da família brasileira, e a redefinirem suas opiniões. Sabemos que há um longo caminho pela a frente, apesar de um acontecimento politicamente importante para as minorias sexuais na cidade de Barreiras não há instituições que representem esses sujeitos no âmbito das políticas públicas, apenas uma possível Ong que tinha por nome ⁷Grupo Gay do Oeste da Bahia, isso já nos mostra que em algum momento alguém teve a iniciativa de criar pelos o menos algo que representasse o público LGBT em Barreiras, durante a continuação dessa pesquisa será investigado qual relevante importância do GGOB para o cenário LGBT na região oeste da Bahia.

Em uma das entrevistas realizadas até o momento o ⁸entrevistado diz “*que se considera um ativista porém tem o sentimento de estar sozinho pois não considera a região oeste da Bahia cenário favorável para as pessoas LGBT's pois não encontramos algo que nós (às minorias sexuais) referencie em prol dos direitos das pessoas LGBT's*” essa afirmação vai de encontro com o que Leandro Colling cita no texto *A igualdade não faz o meu gênero* essas minorias sexuais que são consideradas como anormais diante de uma sociedade sexista por mais que queiram ser

⁷ Encontramos o site que tem posts em 2011:
<http://grupogaydoosteabaiano.blogspot.com.br/>

⁸ *João Felipe Lacerda 23 anos de idade acadêmico do curso de pedagogia da Universidade estadual da Bahia e também do curso de Gestão Pública e militante dos movimentos sociais na cidade de Barreiras, iniciou no movimento estudantil é hoje milita com mais veemência no movimento pela educação pelo o trabalho.*



vistos sentem-se sozinhos pois, por outro lado os próprios movimentos e ativistas lutam de forma individualista quando centralizam a sua causa e excluem as dos demais, ⁹esse mesmo entrevistado sofreu discriminação quando em uma audiência pública na câmara de vereadores da cidade de Barreiras uma vereadora pediu ao presidente da casa que ele retirasse aquela *bicha louca* daquele ambiente e ele diz em entrevista que esse foi um dos motivos que o levou a levantar as bandeiras de luta e assim fortalecer o movimento LGBT na região oeste e afirma “logo em seguida nós fomos pra delegacia registrei um boletim de ocorrência exigindo que fosse registado como crime de homofobia e o processo enfim ainda está rolando infelizmente nós temos uma justiça muito lenta, muito lerda muito vagarosa então assim hoje o processo está concluso para sentença mas essa vara está na terceira vara se eu não me engano não tem juiz então assim aonde eu quero chegar aonde eu quis chegar com isso de que nós não podemos admitir que ninguém nos trate dessa maneira entendeu que ninguém queira nos humilhar, nos rebaixar pelo o fato de sermos gays ou pelo fato de assumirmos essa identidade”.

É confuso pensar que os mesmos movimentos que buscam igualdade enquanto um direito ‘assegurado’ pela a constituição, são os mesmos movimentos que categorizam a sua classe e os torna mais importante, porém não podemos censurar a forma como essas representações políticas agem, afinal estão lutando por um espaço que sempre lhes foi negado e a própria afirmação do entrevistado mostra que as lutas não partem somente dos movimentos sócias, também existem ativistas independentes que motivados até mesmo por episódios que os levaram a exposição estão re(ex)sistindo as normas .

“Aí está uma das principais razões da reivindicação por direitos específicos, que contemplem as particularidades de cada

⁹ Disponível em:

<http://g1.globo.com/bahia/noticia/2014/03/estudante-acusa-vereadora-na-ba-de-homofobia-chamou-de-bicha-louca.html>

subgrupo. Ou seja, determinadas pessoas percebem que precisam de políticas especiais porque as suas realidades e identidades não são exatamente iguais as demais”. (COLLING,2013, P 408)

Há uma descaracterização do discurso e o que há por trás dele é contraditório, na região oeste da Bahia o que percebe-se é o a falta de políticas públicas ou até mesmo discursões sobre o assunto pois na pesquisa documental encontrou-se ¹⁰casos de violência contra homossexuais que não foram solucionados e foram noticiados nos sites da região apenas como assassinato, um desses casos ainda traz uma reflexão ainda maior sobre o assunto pela a forma como aconteceu e como a mídia retratou o caso, referindo-se a vítima como usuário de drogas e essa seria a justificativa para a sua morte, levando em conta que o mesmo era negro e pobre evidenciando como os marcadores que são impostos a essas vítimas tanto pela a raça, quanto pela a condição social violentam esses corpos em vida e em morte.

O que nos leva a compreender que ainda existe uma aversão no campo das leis para proteger as pessoas dissidentes de gênero e sexualidades os deixando cada vez mais a margem os tratando como abjetos não passíveis de visibilidade como cita Miskolcy (2009) “estamos sempre dentro de uma lógica binária que, toda vez que tentamos quebrar, terminamos por reinscrever em suas próprias bases”.

Durante a pesquisa encontrou-se outros casos de violência contra pessoas LGBT’s, porém não foi possível documentar por que essas vítimas se sentem acuadas, desprotegidas e

¹⁰ Disponível em:

<http://www.bahianoticias.com.br/noticia/109658-barreiras-homossexual-e-morto-a-pedradas-assassinatos-sao-presos-em-flagrante.html>

<http://www.ggb.org.br/Assassinatos%20de%20homossexuais%20Brasil%202010%20imagens.html>



visivelmente receosas para falar sobre suas vidas, pois sabem que não tem uma garantia nem do estado e muitas vezes nem da própria família para sua proteção, pois o sistema binário de gênero julga o caráter dos sujeitos de acordo com suas escolhas, é algo preocupante pois essas pessoas gritam por dentro por perceberem que ainda são consideradas abjetos segundo o relatório do ¹¹GGB-Grupo Gay da Bahia acontece no Brasil 326 mortes de gays, travestis e lésbicas no Brasil, incluindo 9 suicídios e um assassinato a cada 27 horas e as agências internacionais consideram o Brasil o país campeão de crimes motivados pela a homo/transfobia. O silêncio que perdura sobre esses corpos é resultado de um conjunto de preconceitos que marca o sujeito desde a infância no ambiente escolar quando separam meninos e meninas nas atividades de recreação, nos banheiros e até mesmo nas atividades em sala de aula com ¹²pedagogias culturais e leva-se esses estereótipos até a vida adulta na universidade.

É importante ressaltar que na região oeste da Bahia especificamente na cidade de Barreiras local em que se encontra a UFOB- Universidade Federal do Oeste da Bahia a continuação dessa pesquisa busca encontrar na universidade ativistas e suas atuações e provar que a universidade é um espaço de re(ex)istência cultural.

O entrevistado quando perguntado quais seriam as perspectivas futuras para que as pessoas dissidentes de gênero e sexualidades possam alcançar o respeito, o mesmo diz que *“a unidade é necessária, é necessária que exista mais projetos que nós possamos pensar*

¹¹ Disponível:

<https://homofobiamata.files.wordpress.com/2015/01/relatc3b3rio-2014s.pdf>

¹² O termo pedagogias culturais é citado por Anselmo Peres Alós no texto Gênero, epistemologia e performatividade.

<file:///C:/Users/labbib/Downloads/21602-68973-1-PB.pdf>

juntas políticas públicas mais ações de nós enquanto sociedade civil mais eu não consigo visualizar sucesso nas nossas ações se nós não ocuparmos espaços estratégicos quais são esses espaços, são os espaços institucionais os espaço de poder” e esses espaços de poder são normalmente negados a essas pessoas e os estudos Queer surgiu para questionar os marcadores sociais e dar visibilidade aos sujeitos tidos como subalternos.

CONCLUSÃO

O ativismo e as políticas públicas para as pessoas dissidentes de gênero tanto na região oeste da Bahia quanto no Brasil ainda são precários, porém, necessárias, para que esses corpos possam alcançar o merecido respeito que tanto almejam. Ao longo de anos a história nos mostrou o quanto essas construções sociais estavam equivocadas ao julgar as pessoas pela a sua etnia, classe social e gênero.

É necessário que tenham mais discussões e grupos militantes cada vez mais preocupados com direitos igualitários que agreguem tanto as questões de gênero como quaisquer outras identidades, que haja mais pessoas na política lutando por direitos e que como notou-se durante a pesquisa que o próprio poder público e suas instâncias possam olhar para esses sujeitos.

A história são apenas fatos contados que não sabemos se são verdadeiros e também não sabemos a quem essas ‘verdades’ são louváveis, porém temos a clareza que essas ‘verdades’ podem e devem ser transformadas, não importam quanto tempo e quantas adversidades levará para que as pessoas dissidentes de gênero possam acessar o respeito, porém re(ex) sistiremos.

REFERÊNCIAS



BENTO, Berenice. Política da diferença: feminismos e transexualidade. In: COLLING, Leandro (org). Stonewall 40 + o que no Brasil? Salvador: Edufba, 2011, p. 79 a 110.

BHABHA, Homi. O Local da Cultura. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2013.

BUTLER, Judith. Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

COLLING, Leandro. Políticas para um Brasil além do Stonewall. In: COLLING, Leandro (org). Stonewall 40 + o que no Brasil? Salvador: Edufba, 2011, p. 7 a 20.

_____. Leandro. A igualdade não faz o meu gênero - em defesa das políticas das diferenças para o respeito à diversidade sexual e de gênero no Brasil. Contemporânea - Revista de Sociologia da UFSCar, v. 3, 2013, p. 405-428.

LOURO, Guacira Lopes. O corpo estranho. Ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MISKOLCI, Richard. Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

_____. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. In: Sociologias, Porto Alegre, ano 11, nº 21, jan./jun. 2009, p. 150-182.

COLLING, Leandro. Teoria Queer. Mais definições em trânsito- Revista Cult. <http://www.cult.ufba.br/maisdefinicoes/TEORIAQUEER.pdf>

PELUCIO, Larissa. Subalterno quem, cara pálida? Apontamentos às margens sobre pos-colonialismos, feminismos e estudos queer. Contemporânea - Revista de Sociologia da UFSCar, v. 2, 2012, p. 395 – 418.

KEHL, Maria Rita. Em defesa da família tentacular. Artigos e ensaios, 2003, p. 01-07.

<http://www.mariaritakehl.psc.br/PDF/emdefesadafamiliatentacular.pdf>

_____. Acerca del término “queer”. In: _____. Cuerpos que importan: sobre los límites materiales y discursivos del “sexo”. Buenos Aires: Paidós, 2012.

FOUCAULT, Michel. *Outros espaços*.

Disponível em:

<<https://www.yumpu.com/pt/document/view/13404247/foucault-m-outros-espacos-inditos-e-escritos-iii-estetica-uesb>>. Data de acesso: 15/01/2015. Texto originalmente publicado em 1967.

Da Mata, Roberto. Você tem cultura? http://nau.ufsc.br/files/2010/09/DAMATTA_voce_tem_cultura.pdf

Alós, Anselmo Peres. Gênero, Epistemologia e performatividade. Copyright © 2011 by Revista Estudos Feministas. <file:///C:/Users/labbib/Downloads/21602-68973-1-PB.pdf>

_____. *A (re) invenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond/CLAM, 2006.

VERGUEIRO, Viviane. *Por traições contra o sistema*. Disponível em:

<<http://www.ibahia.com/a/blogs/sexualidade/2014/03/17/por-traicoes-contrao-cistema/>>. Acesso em: 02/03/ 2015.

SEFFNER, Fernando. Composições (com) e resistências (à) norma: pensando corpo, saúde, políticas e direitos LGBT. In: COLLING, Leandro (org). Stonewall 40 + o que no Brasil? Salvador: Edufba, 2011, p. 57 a 78.



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES



www.generoesexualidade.com.br

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br